

ANAIS DA

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR.

Fundada em 1889

Preços por assinatura

Para os sócios e subscriptores da Academia de Estudos Livres:

8 numeros	120 réis	Aviso: 1	200 réis
6 " "	100 "	2 numeros	50 "
12 " "	180 "	6 " "	100 "

Número aviso — 100 réis

SUMARIO

Cartas Insubmissas.	pag. 65	Conferências e palestras:
Homenagem ao 2. Visconde de Santarém	> 69	A cidade de S. Marcos .. pag. 90
Licões de história universal:		Questões pedagógicas:
1.º Origens do cristianismo: suas relações com o mundo romano	pag. 75	O Congresso de educação física de Paris pag. 94
2.º As invasões dos bárbaros	> 80	Espectáculos para crianças > 95
A Escola Marquês de Pombal	> 84	Trabalhos escolares:
		Almeida Garrett e a sua obra (I) pag. 95

LAMAS & FRANKLIN

R. LIVRAMENTO, 80, 90 — LISBOA

1912

Movimento de aulas

Ano lectivo de 1912-1913

Número de matrículas realizadas até 31 de Março de 1913

AULAS DIURNAS

Escola maternal	40
Aulas primárias (4 classes)	96
	<hr/>

AULAS NOCTURNAS

Português	45
Francês (1. ^a e 2. ^a parte)	90
Inglês (1. ^a e 2. ^a & 3. ^a)	61
Contabilidade	61
Matemática elementar	31
Desenho (1. ^a e 2. ^a parte)	38
Admissão à Escola Normal	31
Instrução primária (1. ^a e 2. ^a grau)	87
Rudimentos	26
Violino	9
Piano	18
Harmonia	3
	<hr/>
Total	639

Número de alunos matriculados

Aulas diurnas	176
» nocturnas	327
Total	403

ANAIIS DA

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1899

Director, proprietário e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)
Rua da Paz, 7 n.º 8. Benfica—LISBOA

2.ª SÉRIE

JANEIRO E FEVEREIRO DE 1913

N.º 3

CARZAS INSUBMISSAS

II

Operou-se uma revolução. Proclamou-se o Governo republicano, mas falta agora organizar a democracia.

Nas leis e nos costumes, nos princípios e nas idéias.

Quanto a mim, nos vários erros, alguns porventura inevitáveis, que esta incipiente e tão simpática república cometeu, logo de entrada, avulta como o principal, como aquele de que quasi todos os outros derivam, o de não haver criado um ministerio da educação nacional.

Por ahí deveria ter ela iniciado a sua obra reformadora e reconstrutiva, não se esquecendo porém de, desde o princípio, furtar esse ministerio à ação deleteria e dissolvente da politicaria.

Posto a funcionar sob a alta influencia de algum claro e superior espirito que integrado na corrente das modernas idéias pedagogicas e fundamentalmente patriota e democrata, transfundisse para as escolas e para o ensino o espirito de liberdade de critica e de probidade científica que deve orientar aquelas e alimentar este, certamente que nestes dois anos e tanto que a República já conta, numerosos problemas ela traria em via de solução.

Por mim atrevo-me, contra a opinião erudita de muitos, a aventar que bastava, por exemplo, haver investido de poderes latitudinários e dotado com recursos económicos razoaveis a Asso-

ciação das Escolas Moveis, pelo metodo de João de Deus, e as duas ou tres coletividades (entre as quais não poderiam deixar de ocupar lugar de destaque a Escola Oficina n.º 1 e a Academia de Estudos Livres) que no paiz tem agitado as questões de educação popular e nacional; e criado em Lisboa e Porto duas universidades tipos em moldes diferentes dos que se puzeram em prática, para que um forte e fecundo movimento tivesse acordado inúmeras energias que ainda dormitam a esta hora, e que Deus sabe quando acordarão.

Remodelações e coisas novas que agora só a custo e parcialmente será possível ir tentando, ter-se-iam conseguido nesses momentos únicos de hipnose psíquica, de ebulição emocional, que tudo permitiria, desde que obedecesse a altos intuições e possesse em jogo nobres sentimentos e patrióticas iniciativas.

Cingindo-me apenas ás matérias escolares, veja-se o que se não haveria realizado, se, tomando a instrução primária e adicionando-lhe logo, para começar, as aulas maternas, os jardins-escolas, no modelo já visível em Coimbra, e desdobrando em quatro anos as disciplinas que presentemente em tantos pontos do paiz ainda se resumem em dois, nós possessemos a funcionar todos estes focos de irradiação do *a b c!*

Sem dúvida que varias tentativas fracassariam, sucessivas experiências viriam a falhar, sendo preciso repeti-las ou renová-las, e não poucos passos dados em falso mostrariam as escabrosidades do terreno a percorrer; mas ouso acreditar que relativamente diminutas parcelas de trabalho se perderiam em absoluto, e que determinados males ir-se-iam corrigindo uns pelos outros, uns com outros.

Mas enfim talvez já não valha a pena esquadriñar as causas multiplas que determinaram tão lamentável falta, e agora o que se me afigura mais profício é cada um dizer francamente como procuraria resolver o assunto se nele fosse chamado a intervir.

Pelo que se refere à instrução primária, salvo melhores e mais autorizados alvites,—mais autorizados que não mais sinceros—eu, elevando-a a quatro anos, tornaria obrigatórios os três primeiros, e o ultimo fô-lo-ia depender do caminho que o aluno seguisse.

Não lhe permitiam as circunstâncias monetárias ou pessoas

dedicar-se ao estudo e precisava de entrar sem delongas na chamada vida prática? Por intermedio das comissões do patronato, com o auxilio das bolsas de estudo ou de pensões obtidas, diligenciar-se-ia que então completasse esse curso, que deveria dar-lhe um conjunto de noções geraes e uma porção de elementos de trabalho que utilmente o auxiliasssem no inicio de qualquer carreira.

Eram-lhe essas circunstancias favoraveis? Poderia ingressar diretamente nos cursos técnicos especiaes, nas escolas primarias superiores, ou até em certos grupos de disciplinas do ensino secundario, para o que procuraria que por seu turno este ensino se dividisse e subdividissem em tantos ciclos quantos fosse mister crearem-se, de maneira a aproveitar, disciplinando-as, todas as energias dispersas, adormecidas, ou que elas proprias se ignoram ainda, conforme basta vez acontece.

Ciclicas essas cadeiras dos estudos secundarios, imprimiria a todas elas uma feição absolutamente prática, com um minimo de teoria de tal modo exposto que não assustasse nem inutilisasse nenhum aluno.

Quanto à parte prática destas e das do ensino primario, fala-la especialisar-se até ao infinito, e para o conseguir, unicamente admitiria como professores das matérias a elas concernentes os que em grandes oficinas do estado ou particulares houvessem provado indiscutivel competencia; e, como é quasi seguro que em varios ramos não existiria ainda no paiz pessoal habilitado, contrata-lo-fa no estrangeiro, impondo-lhe a obrigação de adestrar nacionaes, para o que iria até ao ponto de conceder aos mestres um premio pecuniario convidativo por cada aluno distinto por eles preparado.

Dir-se-ha que já hoje isso se faz, e em parte assim será, mas faz-se incompletamente, sem plano e sem convergencia.

Cumulativamente poria em execução uma das muitas idéias desse malogrado estadista e grande professor que se chamou Antonio Augusto de Aguiar, a qual vinha a ser mandar educar periodicamente lá fora, nos grandes centros, cinco ou seis rapazes que denotassem qualidades especiaes, impondo-lhes no regresso a obrigação de trabalharem durante um certo periodo nas oficinas do Estado, ou a de leccionarem ou aperfeiçoarem alguns

aprendizes; e bem assim, traduziria em actos as medidas de forte e rasgada iniciativa do ministro Emygdio Navarro que ainda hoje, em república, são preciosas.

Se, pelo menos ha vinte anos a esta parte, se houvesse seguido esta orientação, que grau de perfeição teríamos atingido, dada a habilidade excepcional e instintiva que caracteriza a gente portuguesa!

Por ultimo, não só não diminuiria em absoluto o curso dos licens, mas até o aumentaria com um ou dois anos, constituindo, porém, dentro dele grupos de disciplinas que separadamente seriam título de admissão para varias carreiras ou escolas, o que viria tornar a um tempo mais lógico, mais curto e mais completo este respectivo ensino. Por paradoxal que a coisa pareça, as famílias dos próprios alunos se encarregariam de lhe reconhecer as vantagens.

Aqui está, só em matéria de ensino, o que eu trataria de realizar tão rapidamente quanto me fosse possível, e apenas direi que, por exemplo, no campo industrial, iria aproveitar entre varias a competência porventura unica sob determinados pontos de vista, desse grande carola de tal ensino o benemerito professor Antonio Augusto Gonçalves, de Coimbra, que ainda não foi apreciado e aproveitado como era mister que o fosse. Correndo isto, daria a cada escola a máxima liberdade que seria função da máxima responsabilidade.

Um conselho superior, em parte de nomeação oficial, em parte de eleição de classe, tendo até um membro eleito pelos alunos mais distintos, resolveria as questões pendentes ou os assuntos de ordem pedagogica e escolar, e por este e analogos processos chegaria eu ás universidades, onde tanto haveria que mandar por um lado e acrescentar por outro, apesar de reformada uma e criadas as outras duas há tão pouco tempo!

Esta já vai longa e não disse tudo; mas, supondo que deixei esboçado o essencial, a propósito de outras questões completarei ou especificarei o que faltar, e simplesmente arriscarei uma reflexão comesinha e clara — é que uma vez refundido e transformado o ensino, inúmeras matérias nos apareceriam a breve trecho refundidas e transformadas por si mesmas, sem que para tal carecesssemos de providenciar especial e particularmente.

Ah! isto são acaso fantasias de poeta, mas longínquos povos como o Japão e pequenos paizes como a Holanda, a Suecia, a Noruega, de ha muito chamam realidades a tais fantasias, e se de alguma coisa se riem, não é precisamente nem dos que a formulam nem dos que as efectuam...

De que ou de quem serão então? Muitos o sabem e eu também não o ignoro...

AVFONSO VARGAS

Homenagem ao 2.º Visconde de Santarem

Foi depois duma conferencia realizada pelo sr. dr. Teófilo Braga na sede da Academia de Estudos Livres, que a Direcção teve conhecimento do facto de ter nascido na casa n.º 7 da Rua da Paz o grande sabio português 2.º Visconde de Santarem. A notícia foi dada pelo erudito investigador sr. Jordão de Freitas e recebida com a maior satisfação pelos directores presentes. Combinou-se logo representar á Camara Municipal de Lisboa, pedindo-lhe que mandasse colocar na referida casa uma lapide comemorativa do acontecimento.

Tratava-se tambem nessa occasião de celebrar o 1.º centenario do nascimento de Alexandre Herculano. A A. E. L. iniciara os primeiros trabalhos de propaganda. Na representação alusiva resolvem-se inserir igualmente o pedido da colocação duma lapide na casa do Pateo do Gil, onde nasceu o glorioso historiador. A representação foi entregue em mão do sr. Agostinho Fortes para ter o devido destino.

A estes factos referiu-se a seguinte local publicada no *Diario de Notícias* de 10 de outubro de 1909:

«Pelas averiguacões a que o ilustre publicista sr. Jordão de

Freitas procedeu, provou-se que o 2.^o Visconde de Santarem, o grande português a quem a pátria tanto deve pelos seus trabalhos históricos e geográficos, nasceu em 1791, na Rua da Paz, n.º 7, onde actualmente tem a sua sede a Academia de Estudos Livres, tendo sido baptizado no oratório particular da mesma casa, actual gabinete da Direção. Apoiando-se nesta interessante descoberta, a Academia vai dirigir uma representação à Câmara Municipal de Lisboa, pedindo que seja afixada naquela propriedade uma lápide comemorativa.

Na mesma representação a Academia refere-se a outra dívida em aberto para com Alexandre Herculano, pedindo que também seja colocada uma lápide na casa onde nasceu o grande historiador, no Pateo do Gil, com entrada pela Rua de S. Bento, n.º 458.

A Academia pede que esta comemoração seja realizada em 28 de março de 1910, data do 1.^o centenário do nascimento de Alexandre Herculano, que sem dúvida todo o país festejará como historiador e publicista, cuja vida constitui um nobre exemplo de dedicação e amor à sua pátria.

Em 21 de outubro de 1909, em sessão pública, o vereador sr. Agostinho Fortes apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade:

«Proponho que a Câmara Municipal de Lisboa mande colocar no predio n.º 7 da Rua da Paz, onde se acha instalada a Academia de Estudos Livres, uma placa comemorativa do facto de nessa casa haver nascido o grande geógrafo 2.^o Visconde de Santarem; que no Pateo do Gil, 458 da Rua de S. Bento, se mande igualmente colocar uma outra placa marmorea comemorativa do facto de ali haver nascido Alexandre Herculano.»

Em 24 de janeiro do actual ano realizou-se o acto da inauguração da lápide consagrada pela cidade de Lisboa à memória do 2.^o Visconde de Santarem.

O acto da inauguração da lápide

A lápide foi mandada colocar por sobre o portão da entrada do predio n.º 7 da Rua da Paz.

Naquela citado dia, 24 de janeiro de 1913 (aniversario da entrada do 2.^o Visconde de Santarem no Colegio dos Nobres), foi solenemente inaugurada a mesma lapide pelas 14 horas com a assistencia dos srs. Agostinho Fortes representando a Camara Municipal, dr. Joaquim Kopke, secretario da mesma Camara, Manuel Francisco de Barros Saldanha (3.^o Visconde de Santarem e neto do homenageado), dos diretores da Academia — Antonio Alfredo Alves, Francisco Bernardino Cardoso, Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves e Manuel Esteves Camara — e de muitos socios e alunos da mesma Academia de Estudos Livres.

A lapide, que se encontrava coberta com a bandeira nacional, foi descerrada pelo sr. Visconde de Santarem, auxiliado pelo sr. Agostinho Fortes.

Passando todos os assistentes á sala das sessões da Academia, ali, em sessão presidida pelo sr. Agostinho Fortes, secretariado pelos srs. Visconde de Santarem e Cardoso Gonçalves, proferiu o presidente uma breve alocução na qual fez o elogio do sabio e grande patriota, que em vida foi o 2.^o visconde de Santarem.

Ao encerrar a sessão foi por todos assinado o auto de inauguração, que se achava encerrado numa rica pasta de marroquim com ornatos de prata cincelada, tendo ao centro as armas da Camara Municipal de Lisboa.

O auto da inauguração

«Aos vinte e quatro dias do mez de Janeiro de mil novecentos e treze, pelas quatorze horas, na cidade de Lisboa e Rua da Paz, freguezia de Santa Catarina, terceiro bairro, junto do predio numero sete de policia destn, onde está actualmente instalada a Academia de Estudos Livres, compareceram os cidadãos Agostinho José Fortes, vereador representante da Camara Municipal, Antonio Alfredo Alves, Francisco Bernardino Cardoso, Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves e Manoel Esteves Camara, Diretores da dita Academia de Estudos Livres (Universidade popular), e outros cidadãos, convocados para assistirem á inauguração de uma lapide de homenagem, que a Camara Municipal mandou colocar na

fachada principal deste predio onde nasceu o Visconde de Santarem, segundo no titulo, Manoel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa. Iniciando a solenização, o Vereador Agostinho José Fortes discursou acerca do ato e das notabilíssimas qualidades do celebrado; e em seguida efetuou o descerramento da lápide, patenteando a sua inscrição que é do teor seguinte:

Nesta casa nasceu, em 18 de Novembro de 1791, Manoel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.º Visconde de Santarem. Faleceu em Paris em 17 de Janeiro de 1856. A Câmara Municipal de Lisboa em 17 de Janeiro de 1913 mandou colocar esta lápide como homenagem ao encrito cidadão que, no paiz e no estrangeiro, muito honrou a patria pelas suas letras e virtudes.

Esta lápide é de pedra lioz de Pero Pinheiro e de forma rectangular, com as dimensões de um metro e noventa e sete centímetros de comprimento e cincuenta e cinco centímetros de largura; tendo as letras da sua inscrição, esculpidas em ponta de diamante e douradas; e foi feita por artistas portugueses.

Assistiu também a este acto o cidadão Manoel Francisco Barros Saldanha, 3.º Visconde de Santarem neto do dito 2.º Visconde, como representante da família do mesmo.

Para constar se lavrou o presente auto que vai assinado por todos os presentes.

Eu Joaquim Kopke, secretario da Câmara Municipal, o subscrevo.^o

Seguem-se as assinaturas.

Sessão comemorativa

As 20 ½ horas, como estava anunciado, realizou-se na sala da Academia a sessão solene dedicada à memoria do 2.º Visconde de Santarem.

Aquela hora subiu ao estrado da presidencia o director da Academia sr. Carvalho Gonçalves e convidou em nome da direção para formarem a mesa o neto do grande portuguez, o Sr.

sr. Visconde de Santarem, e para os lugares de secretarios os srs. Jordão de Freitas, eruditó publicista e Agostinho Fortes, que representava a Camara Municipal de Lisboa.

Informou o mesmo director que a colocação da lapide fôra pedida pela Academia ao seu ilustre amigo sr. Agostinho Fortes, que na Camara Municipal apresentou a competente proposta. Disse mais que este preito à memoria do grande visconde de Santarem era bem merecido. Se infelizmente poucos comprehendiam a obra do Visconde de Santarem, o que era certo é que esta comemoração encontrou eco simpatico no paiz e a prova estava no seguinte telegrama que acabava de ser recebido dum professor, que de muito longe se associava comovidamente á homenagem :

Acompanha-vos em espirito na merecida apoteose que hoje fozeis ao sabio benemerito, patriotico investigador 2.º Visconde de Santarem — Professor, Luiz Antonio de Moraes.

O telegrama foi expedida de Vila Rei.

Nada mais tinha a acrescentar porque esta voz era bem eloquente.

Depois de o terceto, composto de professores de musica da Academia, ter executado uma peça de musica, realizou o sr. Agostinho Fortes a sua conferencia.

O distinto professor começou por definir o periodo historico em que decorre a vida do 2.º visconde de Santarem, desde 1791 a 1856.

Historia os factos principaes da sua vida, a sua ida ao Brazil com a familia reinante, fugida perante a invasão dos franceses; fala das suas arreigadas convicções que o obrigam a deixar a pátria e a procurar um refugio no estrangeiro. Lá fôra não se ocupa, porém, das lutas politicas, não conspira. Longe da terra natal, volta para ela os olhos saudosos e não procura levantar-lhe dificuldades.

A sua grande inteireza de animo leva-o para o unico caminho direito e patriotico : lança-se ao estudo, acumula materiaes e ergue no seu querido Portugal um verdadeiro monumento de erudição, que hoje outros trabalhadores aproveitam. Os seus trabalhos sobre cartografia, sobre as descobertas portuguesas, sobre os documentos diplomaticos, ao mesmo tempo que lhe abrem as

portas de todas as grandes sociedades científicas, dão-lhe a imortalidade dos grandes homens que bem serviram a Pátria !

Ainda é dos que acreditam no resurgimento deste Portugal. Não perdeu ainda a fé no futuro. Exemplos como o do Visconde de Santarem merecem ser evocados para edificação de todos. Embora o povo não o possa conhecer, é certo que o nobre português não merece menos a sua veneração e o seu respeito.

Em seguida põe em relevo o serviço prestado pelo erudito investigador sr. Jordão de Freitas, examinando todos os documentos, que maravilhosamente esclarecem a vida do 2.^o Visconde de Santarem e justificam o seu altíssimo valor patriótico e científico.

Refere-se por último ao seu neto, que preside à sessão, e tão grande serviço está prestando fazendo publicar as obras inéditas de seu avô e mandando-as distribuir por todo o mundo. Poderia Sua Ex.^a dedicar-se a usufruir egoisticamente a sua fortuna. Não o faz e bem haja ele que assim presta um altíssimo serviço ao paiz onde nasceu.

O sr. presidente encerra em seguida os trabalhos depois de ter agradecido as referências que lhe foram feitas. E agradece à Academia de Estudos Livres que realizou esta bela sessão, a que tão comovidamente presidiu, apenas como neto dum homem que soube lá fôr honrar o nome da sua querida e inovável pátria.

As palavras singelas e comovidas do presidente foram acolhidas com uma entusiasmática salva de palmas.

E assim terminou a bela festa que a todos deixou a mais perdurable recordação.

Os professores da Academia que tomaram parte no concerto foram as senhoras D. Aida de Freitas, D. Eulalia Gonçalves Paes e o sr. Antônio da Silveira Paes.

Onde nasceu o 2.^o Visconde de Santarem ?

Com este título mandou publicar o sr. Visconde de Santarem uma erudita memória escrita pelo sr. Jordão de Freitas. Este ilustre publicista descreve no seu trabalho o resultado das investigações a que procedeu e que o levaram à conclusão de que o 2.^o Vis-

conde de Santarem nasceu na casa onde está instalada a Academia de Estudos Livres.

Muita gente julgará que tal estudo não tem importância social. Mas deve atender-se ao que nos paizes cultos se pratica em identicas circunstancias. Lá fora, para completar a biografia dum grande homem, não há hesitações: todos os subsídios são acolhidos com o maior entusiasmo. A memoria do 2.^o Visconde de Santarem merece todas as homenagens. Contribuir para que se lhe faça a justiça merecida, é uma obra de benemerencia.

Jorlão de Freitas e o 3.^o Visconde de Santarem merecem portanto o nosso respeito: trabalhando para exaltar a memoria dum homem eminentemente trabalharam pela patria, que todos amamos e desejamos ver grande e glorirosa.

— — — — —

Lições de Historia Universal

1.^a lição em 7 de fevereiro de 1913

Origens do cristianismo: suas relações com o mundo romano

Para compreendermos a Idade Média, um dos períodos mais interessantes da história, é forçoso que estudemos o cristianismo, nas suas origens e expansão. Uma literatura barata tem explorado a curiosidade, discreteando sobre o sugestivo tema «Cristo nunca existiu». E' uma questão esta de «lana caprina», porque, o que nos deve interessar, é saber se o cristianismo existiu, o que aliás ninguém põe em dúvida, quais as condições do seu aparecimento e como exerceu a sua ação.

O cristianismo apareceu na Judeia.

Quando estudámos os hebreus, tivemos ocasião de tratar das

causas morbidas que produziram a dissolução da sua nacionalidade. Havia entre eles duas seitas, duas tendências, personificadas em Saul e Samuel. Uma apoia-se na realeza e é profundamente cívica; outra no poder teocrático e é de feição particularista e sectária. Esta concentra-se na tribo de Judá, na casa de David. A luta entre os dois elementos representa uma modalidade do eterno conflito histórico do poder civil e do poder religioso. Do choque de tendências tão antagonicas resulta a queda da nação hebraica, que, no captiveiro, sob o domínio dos assyrios ou dos perass, chorou debalde a perda da independência.

Foi então que entre a tribo de Judá começou a aparecer a ideia messianica, a crença num redentor, que, saído da casa de David, havia de restabelecer a nação de Israel e dar-lhe o prestígio perdido. Este estado de espírito, próprio da depressão psíquica da colectividade judaica, favorece o meio no sentido de provocar o aparecimento da nova seita.

É da doce Galileia que parte a voz da reação nacional, levantada nesse momento contra o domínio romano. Mas é em Jerusalém, no centro dumha região árida e tristíssima, que a nova religião procura tomar força para resistir ao poder do partido teocrático, representado pelos fariseus. São estes os primeiros perseguidores dos cristãos.

O cristianismo apresenta-se-nos neste momento com um carácter particularista e estaria destinado a desaparecer, como outras seitas judaicas, se condições especiais, que vamos estudar, não tivessem permitido o seu ulterior triunfo.

Os primitivos cristãos, os essenios, tinham tendências acidentalmente comunistas, o que nos leva a crer que o factor económico, como é natural, também não foi dos mais estranhos ao seu aparecimento.

Quando o cristianismo apareceu, o mundo não estava demasiadamente atrasado. A reforma religiosa teria sido dispensada perfeitamente, embora não possa negar-se a ação fecunda que o novo elemento veio produzir, deslocando-se do seu primitivo berço. Simplesmente a evolução histórica teria sido outra na primeira hipótese.

Para compreender a razão do triunfo do cristianismo no ocidente, é necessário determo-nos um instante diante dessa figura

estranya de Saulo, mais tarde Paulo, o celebre evangelista dos gentios. Era um judeu helenico, um espirito aberto ás especulações filosoficas. A filosofia grega refugiara-se em Alexandria, onde os judeus viviam impregnando-se do espirito occidental, acentuadamente communicativo, perdendo até o uso da lingua hebraica.

E' em Alexandria que se faz a celebre tradução biblica, conhecida pela versão dos 70, sobre a qual se calea a bem conhecida «Vulgata» latina de S. Jeronymo. Este facto é importantissimo porque a versão de S. Jeronymo é a adoptada pela ortodoxia romana. Alexandria era a herdeira de todo o espirito helenico. Ali vinham de todo o mundo os viajantes, os eruditos, os sabios, a estudar a sciencia e a filosofia gregas, embora uma e outra, perdida já a força creadora, se entretivessem na comentação e revisão dos sistemas antigos.

A influencia da notável cidade impregnada do espirito helenico era, pois, enorme no mundo antigo. Se a nova seita caisse abruptamente em Alexandria, a sua derrota seria inevitável. Mas os seus principios introduziram-se ali a pouco e pouco, discutiam-se ao sabor das ideias filosoficas predominantes, infiltravam-se das ideias socraticas e platonicas, eriavam-se enfim um ambiente simpatico, propicio ao definitivo triunfo.

Como se sabe, Paulo foi primeiro um atrôs perseguidor da ideia nova. Mas a feição que lhe deu, após a sua adesão, representou um verdadeiro scisma, só explicavel pela influencia grega. Ele representou na verdade o principio de expansão, enquanto Pedro era o apostolo particularista, de feição fundamentalmente orientalista e tão estreitamente sectario que não hesita em perseguir Paulo, o unico pensador que o cristianismo possue nessa época. Sem Paulo o cristianismo não teria talvez vencido; com Pedro teria ficado apenas mais uma seita judaica, destinada a desaparecer da face do mundo, como tantas outras da mesma proveniençia. A eloquencia de Paulo era comprehensivel aos povos gentilicos, e a nova religião, afeiçoada conforme o espirito helenico, começou recrutando ardentes apostolos.

Como se comprehende que chegasse até Roma? Eis-nos agora em face doutro aspecto do problema, que merece atento estudo.

Em Roma dava-se ao tempo um verdadeiro sincretismo religioso. Havia ali adeptos de todas as seitas. O espirito do romano,

que o era só no nome e não em verdade, porque as antigas qualidades de carácter se tinham obliterado por completo, o espírito do romano, repetimos, era solicitado por uma curiosidade morbida, bem compreensível. Aderia-se ao culto de Isis por dilettantismo; cultivava-se a arte dos astrologos por ostentação de gosto pelo desvendamento dos misterios. No fundo havia a descrença profunda pelos deuses.

Abaixo do escólio social agitava-se a plebe, os escravos, o entulho de todas as sociedades. Se no alto havia a opulência e o luxo, nos bairros populares asfixiava-se, morria-se de fome e de doenças. Compreende-se como neste meio poderiam ter eco simpatico as ideias igualitarias dos cristãos. O principio novo elevava o escravo até o senhor. Percebe-se assim que o cristianismo contasse em Roma os seus primeiros adeptos entre plebeus e as ultimas camadas sociaes. Só muito mais tarde vieram as adesões das classes letradas e privilegiadas. Refugiados nas misteriosas catacumbas, os primeiros cristãos são verdadeiros rebeldes contra a ordem publica, representada nos poderes constituidos.

Curioso é que nas catacumbas apareça como símbolo cristão a figura do peixe. Este facto, assim como o ter adoptado as doutrinas do ascetismo monacal, são provas da acção assirio-egypcia da nova religião, por intermedio da Biblia, acção essa que o espírito helenico insuflado por Paulo não conseguiu levar de vencida.

As perseguições contra os cristãos obedeceram sempre a questões de ordem politica. Apesar do sincretismo religioso a que nos referimos, existia em todo o imperio romano um culto oficial, o culto dos Imperadores, cujas estatutas se adoravam nos templos. Ora os cristãos negavam-se á pratica desse culto, combatiam-no mesmo. Eram, portanto, rebeldes perante a lei. Mercediam castigo. Daí as perseguições.

A luta foi travando-se durante largos anos, até que um imperador romano, o celebre Constantino, adere á nova religião, que assim é consagrada oficialmente. Esta adesão do filho de Constantino Chloro representa apenas a realização dum plano politico de predominio.

A separação do Imperio Romano, com a fundação da nova capital, no local onde existia Bisancio, Constantinopla em honra de Constantino, o seu fundador, poderia ter produzido a ruina do

cristianismo, ou, pelo menos, limitar a sua influencia, se não apagasse o factor importante da organização hierárquica da igreja romana, toda moldada na organização do Imperio, como se vê nas funções do «Vicarius», cujo nome provém de *civis*.

O bispo de Roma pretende ser o chefe por excelencia, a primeira pedra do edifício romano; é o eleito da assembléa dos bispos, como estes o são da assembléa dos fieis da diocese. A base electiva é portanto a mesma do Imperio, embora neste houvesse desaparecido completamente na prática.

Era natural a ambição do bispo de Roma — de exercer a supremacia universal. Não era Roma a capital do Imperio, isto é, do mundo? A religião cristã era já uma força imensa. O seu dogma tinha sido consagrado no concílio de Niceia. Predominava sobre todas as seitas. A suposta apostasia de Juliano fôra efemera, o último arranço do paganismo estava definitivamente extinto como religião oficial, muito embora a sua ação se fizesse moralmente sentir na nova religião, que com o paganismo teve de transigir na prática de muitos actos do culto. Mas restava ainda o bispo de Bisâncio, a nova capital do Imperio Romano do Oriente. Este desejava também para si a supremacia. A luta resolve-se definitivamente em favor de Roma, mercé dos conflitos religiosos que a todos os instantes se dão em Bisâncio onde deu que fazer a seita dos iconoclastas, principalmente por afectar o comercio que ali se fazia das imagens. Os disturbios eternizam-se, as depredações, as intrigas, os crimes, mancham a vida pública de Bisâncio. O Imperio Oriental sobrevive ao Ocidental, mas arrastando uma vida ignominiosa, até que cai ante o ataque do turco. Era na alvorada da Renascença. Abria-se assim o campo livre ao cristianismo de Roma, que resistira ao embate de seitas como a dos arianos, às correntes tormentosas dos barbaros e à queda do Imperio.

Roma vencia finalmente, impondo-se pelo triunfo da religião nova. E esta salvava na Idade Média a civilização romana — serviço inestimável que ninguém, com a verdade histórica, lhe pode contestar.

2.^a Lição em 21 de Fevereiro de 1913

As Invasões dos Barbaros

Tendo de tratar especialmente da Idade Média precisamos de estudar os seus elementos históricos fundamentais. E a razão porque, depois de rapidamente termos passado em revista o cristianismo, vamos agora ocupar-nos dos barbaros e das suas incursões no Império Romano. Em primeiro lugar precisamos definir o termo «barbaro». Para os gregos, como para os romanos, tal designação referia-se ao «estrangeiro» por quem uns e outros manifestavam tanto desprezo que os gregos lhes chamavam «aglossai» ou sem língua.

E' costume dizer-se que as invasões dos barbaros foram como torrentes assoladoras, que se precipitaram no território romano, espalhando o terror, as violências, a morte. A verdade histórica é muito outra. Prova-se que as incursões se fizeram lentamente. Os barbaros chegaram pouco a pouco e foram-se insinuando no organismo do Império e assimilando-lhe, pelo menos externamente, a civilização.

O primeiro contacto com esses inimigos deu-se quasi no inicio do Império, no governo de Augusto, e produziu o desbarato das legiões de Varus, levadas de venceida pelos germanos em Teutoburgo. As lágrimas de Augusto, o seu desespero pelo desastre, como depois aconteceu, em transe semelhante, a Carlos Magno, revelaram o presentimento da queda do Império.

Perante o perigo, a política romana teve de fazer dos barbaros uma barreira contra o ataque de outros invasores igualmente barbaros. E assim eles foram pouco a pouco sendo admitidos no exército.

Alem dos germanos, nos seus dois grandes ramos—ripuarios e salios—houve invasões de francos, suevos, alanos, vandálicos e godos.

Os suevos, alanos e vandálicos deixaram pouca memória de si, se bem que os primeiros organizaram um reino próprio ao norte da Península Hispânica, pouco mais ou menos na Gáliza, reino que os visigodos extinguiram depondo Audeca, ultimo rei suevo.

Donde vieram estes povos? E' difícil determiná-lo. Pondo de

lado os hunos, de conhecida procedência mongólica, supõe-se que todos pertenceriam ao mesmo ramo étnico dos arias, cujo «habitat» primitivo teria sido a Ásia Central.

E sempre conveniente usarmos prudência ao falarmos de «arias», pois, segundo autores muito conceituados, esta designação corresponde mais a uma família linguística, do que a um grupo étnico, não faltando quem, como Schrader, diga serem étnicamente os arias uma designação fantasiosa de sabios de gabinete.

Ocupemo-nos, porém, dos germanos, os que mais nos interessam para o estudo da Idade Média e das suas características instituições.

Para percebermos como eles poderam assimilar a civilização romana, basta recordar a sua organização. Os germanos agrupavam-se em «mundium», que podem comparar-se às «gentes» romanas, organização familiar em que o poder supremo estava concentrado no «pater familiæ».

No «mundum» germânico o poder era exercido pelo mais forte. Mas logo que o grupo assentava arraiais, fixando-se à terra, o laço familiar transformava-se em laço social. A base não era já o indivíduo, mas a terra. Quem comandava era «Herzog» — o duque — O «rei» era autoridade suprema, em quem se concentravam as funções sacerdotais, mas não exercia o comando militar, a não ser nos casos excepcionais de também se impôr pela força do braço.

Existia entre os germanos um grande respeito pelo valor individual. Todas as questões eram resolvidas em assembleias populares nas quais havia a máxima liberdade de expressão. A religião era naturalista, como a primitiva dos romanos. Odin, o deus vingativo; Thor, o deus do trovão; as walkirias, as famosas amazonas que nos seus fogosos corseis cavalgavam através dos espaços transmitindo as ordens de seu Pae; Walala, a mansão dos deuses, fortificada como praça inexpugnável: tudo recordava a guerra, a feição belica do germano. A organização social era identica à dos romanos primitivos. Os germanos tiveram também as suas «civitates», vilas e «vicos» as grandes famílias com os seus clientes e colonos. Na dispersão das populações a autoridade do «rei» enfraquecia-se, enquanto aumentava a dos chefes guerreiros.

Assim se ia esboçando entre os germanos o feudalismo que vai encher a Idade Média, com o seu progresso e as suas lutas com o poder real apoiado no povo.

Sobre a debatida questão das origens do feudalismo, há muitos escritores que subscrevem a opinião da procedência germanica e outros atribuem-na aos romanos.

Encarando o problema pela maneira que esboçamos, podemos estabelecer uma forma eclectica: o feudalismo nascendo do contacto das duas correntes, germanica e romana. É para comprovar a opinião, poderemos mais uma vez aproximar as instituições dos dois povos, compará-las na sua influencia mutua, examinar as transformações que sofreram nesse contacto. A luz deste criterio, o problema simplifica-se notavelmente.

Lancemos, porém, a vista sobre os outros grupos de barbaros, pois que mais tarde teremos occasião de nos ocuparmos especialmente do feudalismo. Detenhamo-nos um instante nas invasões dos ostrogodos e assignalemos a conquista por eles do Imperio Romano e a tentativa do seu rei, Theodorico, de levantar novamente o mesmo Imperio. A tentativa foi efemera, mas teve o merito de revelar duma maneira singular a influencia que a civilisação romana tinha sobre o espírito dos barbaros, vencedores materialmente, mas ofuscados pelo brilhantismo duma civilização que, todavia, só conheceram quasi na fase da dissolução.

Mais tarde, outra tentativa da restauração do Imperio surge na França, depois da queda da dinastia dos Merovíngios.

E Carlos Magno, filho de Pepino o Breve, um autentico barbáro, quem realisa a assombrosa façanha desse resurgimento cuja resonancia ainda hoje sentimos. Vê-se assim, porque Carlos Magno, pertence já à Idade Media, que esta não foi mais, nos intuições dos seus homens de genio, do que uma tentativa, muitas vezes falhada, de resurgimento, à qual vieram juntar-se outros muitos factores e elementos que actuaram fortemente na linha evolutiva da civilisação mundial. A Renascença, que fecha a Idade Media e abre a época moderna, representou o reatar da tradição. O classicismo foi uma verdadeira renascença romana, como veremos.

Os barbaros aderiram ao cristianismo, passando, porém, pela

fase da heresia de Ario. E não admira que assim acontecesse, pois que a seita ariana, negando a Jesus a natureza divina, era mais compreensível a cerebros rudes e pouco dados, por consequência, a abstracções.

Vê-se, pois, que a assimilação da civilização romana foi tão completa quanto possível pelos barbaros, que invadiram o Império, permitindo que, pela penetração de tão diversos elementos—crenças, costumes, organização social, religião—desabrochasse uma época tão cheia de relevo como a Idade Media, que longe de ser uma noite caliginosa, em que a civilização humana parecia ter-se subvertido, foi pelo contrário o cíduo onde se prepararam as instituições modernas.

Mas no extremo norte da Europa outro povo barbáro chama a atenção. Os normandos, os celebres piratas, que nas suas embarcações ligeiras entravam pelos rios, assolavam as costas, incendiavam, violentavam e assassinavam as povoações sedentárias, alcançaram por fim dos reis francos uma faixa de terreno, onde se fixaram, e que ainda hoje é conhecida pela designação de Normandia. Os normandos defrontavam-se na ilha fronteira de Inglaterra com outros barbaros que ali dominavam então — os anglos e saxões. O choque entre estes povos era inevitável e teve o seu remate na celebre batalha de Hastings, em que Guilherme da Normandia venceu o inimigo e alcançou a coroa. A partida de Guilherme para esta guerra é como a duma verdadeira cruzada apoiada pela Igreja. Foi desta, que se sentia cercada nos rendimentos do dinheiro de S. Pedro, que partiu o incentivo ao normando para declarar guerra a Aroldo, o vencido de Hastings.

Estabelece-se pois a dinastia normanda na Inglaterra. O rei da Inglaterra é, porém, vassalo do rei de França. Esta anomalia prepara a luta entre os dois países, que se dá na celebre guerra dos Cem anos.

E' preciso notar n'este ponto a diferença entre o feudalismo francez e o inglez, porquanto isso explica cabalmente o facto da evolução dos dois países ter sido tão diferente.

A situação da Igreja no meio destas lutas era instável. A sua influencia espiritual ninguém a podia contestar. Mas o poder temporal era quasi nulo, tanto mais que havia a mais profunda desorganização social, havendo apenas como norma a preponderan-

cia da força bruta que, esmagada a justiça, só reconhecia o direito do mais forte, ainda que este fosse um bandido. Assim vemos as abadias porem-se sob a autoridade dos reis ou dos mais valentes guerreiros e bandidos mais audaciosos. Estamos longe ainda da época em que o poder de Roma será uma tremenda realidade.

AGOSTINHO FORTES

A ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL

(Secção da Academia de Estudos Livres)

Existe infelizmente entre nós uma categoria de indivíduos que parece terem por missão especial a depreciação das coisas e dos homens da nossa terra; ouvindo-os não pôde restar dúvida de que sentem um verdadeiro prazer em deprimir tudo o que seja português, e, inversamente, basta que a maior das inutilidades venha acompanhada de um rotulo estrangeirado para que o círculo dos censores emudeça de admiração. A dar-lhes crédito, a raça portuguesa é uma coisa já cansada e gasta, uma espécie de farrapo sordido que só serve para envergonhar a velha Europa. Se se reparar bem, ver-se-há que a matilha dos críticos implacáveis se compõe exclusivamente de ineptos, de maudriões, de turados, e desde então tudo se explica facilmente: é um caso especial da grande lei biológica das adaptações e nada mais.

Todo e qualquer organismo, para viver, tem de procurar a fórmula que lhe permita o mais perfeito acordo com o meio, pois só nela pôde achar a tranquilidade e o bem-estar; imagine-se um microbio da putrefação separado das suas queridas matérias em decomposição como deverá sofrer! Pois o caso é o mesmo com os detractores de ofício; o seu grito de raiva é uma reação lógica

e fatal contra tudo o que possa ter como consequência o saneamento da atmosfera moral que os rodeia.

O fenômeno é naturalíssimo e inevitável; em última análise, a felicidade não é mais que a perfeita adaptação ao meio ambiente; ora como este não é imutável, por isso o ser físico e moral tem de lutar constantemente para conseguir uma harmonia que nunca é perfeita e por isso se diz que não há ninguém completamente venturoso. Almas de lama só podem viver bem e expandir-se em pleno esterquilinio, longe da luz dos puros ideias que as deslumbram, de todo o bafejo de nobreza que as sufoca. Já que não podem proclamar a falencia da grande obra do progresso humano (bem o quereriam eles, mas não se atrevem) limitam-se a separar o canto da terra que teve a desgraça de lhes servir de berço, por decreto inapelável da sua magnanima imbecilidade, de todo o movimento da evolução universal. O progresso aqui não entra nem entrará nunca; pontificam de alto, sem se lembrarem que ele tem passado, triturando-as, sobre podridões ainda maiores (embora pareça impossível existirem) que as que encontramos cada dia, dando nas ruas de Lisboa a nota miserável da inveja odiosa e impotente.

De resto, são coerentes; insistindo na inutilidade do esforço justificam a sua abjecta deserção das fileiras dos trabalhadores honestos, sobre os quais se arrogam a superioridade que lhes permite a sua clarividência; no arrastar a grande multidão neutral e indecisa está a salvação da sua inutilidade. Que seria deles se amanhã a massa popular confiasse firme e definitivamente no futuro da nacionalidade? Ter de trabalhar, de cooperar na grande tarefa patriótica sob pena de se lhes estampar nas frontes o férreto de parasitas! Antes disso lutar até à ultima com as armas comodas e envenenadas da calunia!

Assim não admira que obras admiráveis de trabalhadores conscientiosos sejam votadas ao esquecimento ou deprimidas em proveito de outras incomparavelmente inferiores, que só possuem o merecimento de não terem nascido em terras portuguêses. Temos o exemplo frisante num utilíssima instituição a que quasi ninguém faz a justiça que merece, embora o seu papel seja preponderante e a sua acção preciosa no movimento do progresso nacional.

Quis o acaso que, percorrendo escolas de Paris, visitasse uma (de entre as que me foram indicadas como melhores) que correspondia perfeitamente ao tipo e constituição da primeira (de Lisboa). Vi um edifício grandioso e novíssimo onde os pátios nus, tristes, rodeados de paredes altas davam a impressão desconfortante de um carcere, crianças tristonhas e sem espontaneidade com o aspecto lamentável de asilados, aulas em que elas dormiam ou bocejavam sob a pressão deprimente do tédio, uma disciplina à maneira antiga, em que o professor, em vez de atrair procura realizar mais ou menos, para os pobres pequenitos, a vi-



Lição de ginástica numa Academia de Paris

são terrorífica de um ferrabraz. Não era pois decreto o instituto parisiense que poderia pretender realizar a aspiração da escola ideal onde se cultiva a flor delicada da alegria, onde o trabalho apresentado como um prazer se radica no modo de ser infantil a ponto de se converter numa necessidade de toda a existência, não era este seguramente o cadinho de uma raça que traga para as asperezas da vida o escudo de um bom humor inalterável que faz triunfar de todas as provações.

Havia oficinas, é certo, mas como cada classe está completamente entregue a um professor, quando este não simpatiza com os trabalhos manuais a que tanto deve a educação moderna, estes

são executados de um modo deficiente; não havendo uma professora de canto como há na nossa Academia de Estudos Livres, passa-se muitas vezes sem cór os infantis; existia uma cantina, mas sem o admirável princípio da mutualidade que na Academia levanta e melhora o moral da criança tirando ao que recebe alimento, por vezes gratuitamente, a impressão humilhante e desconfortadora da caridade.

A comparação entre a escola lisboeta e a parisieuse redonda tanto em favor da primeira, que até um dos tais detractores na-



Uma lição de ginástica na Academia de Estudos Livres

tos se sentiria abalado se fosse suscetível de examinar conscientemente qualquer coisa acerca de que pontifica com inalterável desplante. E para que se não diga que exagero, ahí vão provas incontestáveis em documentos impossíveis de desvirtuar: são fotografias que dizem respeito à parte da educação que por toda a gente que entende do assunto é considerada como primacial por ser a que mais contribue para aumentar a força omnipotente a que se dá o nome de Vontade, a educação física. Comparem-se as atitudes pseudo-ginásticas das crianças francésas, executando sob a direcção de um professor incompetente numa lição fastidiosa e

inutil com o conjunto dos alumnos da Academia com dois mezes escassos de educação do corpo; de um lado o abandono e o aborrecimento, do outro a animação e o bem-estar, isto é, os dois polos opostos da boa e da má pedagogia.

Onde, sobretudo, o desastre era completo era nas varias escolas maternais que me mostraram. Já sabia que muitas professoras parisienses, privadas do arrimo tiranico do livro que só serve para deformar o espirito dos mais pequenos, se viam gravemente embaracadas; tive então occasião de verificar o estranho processo por que algumas se saem do aperto em que as coloca a sua incapacidade; deixando as crianças dormir encostadas ás carteiras;



O Jogo do Ferrete na Escola Maternal da Academia de Estudos Livres

as que não dormiam viam-se constrangidas ao silencio e á imobilidade; é assim que se pretende desenvolver o amor pela escola, onde tem de passar uma grande parte da infancia numá passividade de automatos em que ha-de sossobrar o melhor das suas tendencias generosas e a fonte sublime da iniciativa pessoal.

Não foi possivel conseguir nesta secção uma fotografia de qualquer exercicio fisico; as professoras das escolas maternais fitavam-me espantadas de tal pedido, apesar dos olhares significativos da directora que, mais instruida, procurava atenuar o fiasco. Houve uma que começou a apontar para diferentes pontos da aula, convidando as crianças a olhar para o sitio indicado; era no

que se resumia toda a sua bagagem de cultura física infantil. Não houve outro remedio senão desistir de presenciar qualquer jogo de criança, como os que se podem admirar na nossa Academia e tanto contribuem para dar a nota animadora duma pedagogia perfeita na escola maternal da rua da Paz.

Depois disso tive occasião de falar com verdadeiras competências pedagógicas, e quando me preguntaram pelos progressos educativos realizados entre nós, descrevi-lhes a Academia de Estudos Livres com as suas aulas de canto infantil acompanhado a piano e a orgão, as suas constantes excursões educativas, a sua cantina modelar e irrepreensível, a sua escola maternal cheia de vida, onde brincando se aprendem as melhores e mais profícias noções e à qual as crianças vão com verdadeiro prazer; falei-lhes da Escola oficina n.^a 1 com os seus trabalhos manuais e o admirável sistema pedagógico que obriga o mestre a usar a mesma blusa que o aluno, e todos me disseram, com uma convicção em que transluzia o cunho de indiscutível sinceridade: «se os portuguêses tivessem muitas escolas como essas, em pouco tempo recuperariam o tempo perdido e pôr-se-hiam á altura das nações mais avançadas.»

E eu pensei então com amargura como por cá se encaram estas coisas e que uma instituição como a Academia de Estudos Livres se vê obrigada a viver por milagre, sem subvenção do Estado, sem auxílio de nenhum homem de recursos que queira ligar o seu nome a uma obra que consegue suscitar a admiração no grande centro que hoje se considera como a capital intelectual do mundo . . .

MOAIS MANCHEGO.

CONFERENCIAS E PALESTRAS

A cidade de S. Marcos (*)

Seria a aíencia de opulentar a Arte a causa determinante do aparecimento da famosa terra? A hipótese esmaga-a a recordação de que aos fundadores de Veneza a pesca servira a vida e entretivera o tempo, fraco aprovisionamento de noções lhes permitindo; destroeu-a a lembrança de que no seculo V o instinto guerreiro e individualista dos legionários *barbaros* sufocava a paz, levantando uma atmosfera de fogo e sangue.

Foi Atila, com as suas selvajarias atemorizantes, que para o sul atirou os habitantes da vella Altino e outros pontos da região do norte. As ilhas das lagunas asfiguraram-se-lhes um refúgio grato, e eles, perseguidos, vendo atraç de si a morte, ali se entrincheiraram, denunciando depois uma vontade — a vontade de possuir, de sentir uma terra sua.

E, assim, daquelas se explica a rápida metamorfose. Sendo ainda, ao apontar do seculo V, uns charcos lodosos e movediços, já no seculo VII surgia ali, em terra que o mar não alcançava agora, a Republica de S. Marcos, símbolo de toda uma epopeia de esforços, símbolo de toda uma epopeia de virtudes — esforços que a ambição desfez, virtudes que a maldade secou.

Organisou-se o Estado, criaram-se chefes que velariam as leis, e os chefes proclamaram a diferenciação de interesses. A grandeza borbulhára o sangue plebeu, e agora o odio invadia as almas, levando-as a exteriorizações de acirradas lutas. Era a repetição de um facto, um facto observado em todos os tempos e em todos os povos.

(*) Palestra realizada na Academia de Estudos Livres em 23 de fevereiro de 1913.

Os doges, interpretando as leis pelos seus caprichos, reflexo da sua moral torcida, determinaram ali conflitos graves. Marcam o inicio das mais atrocedoras audacias; assimilaram o começo das mais perturbativas traições. O povo foi encarcerado nos *Chumbos* e foi enforcado na praça. E todavia ele arrostara todos os cubicantes do seu paiz, forte pelo espirito municipalista, altivo pela fé no seu valor. A sua terra não lhe permitia a agricultura, e ele, sorrindo sempre às aventuras, na sua frota saiu em cata da abastança. No Oriente, onde arribara com os cruzados, exerceu a sua influencia, influencia que aproveitou para o carreteamento das mais abundantes riquezas, riquezas que o estimularam para a pratica dos mais atrevidos projectos. Começou as suas conquistas, alargou-as, apoderando-se de quasi todo o arquipelago grego e de Pádua, Ravenna e outras cidades da velha Europa. O espirito vivia-lhe numa alegria de domínio, envolvendo-o por isso os outros povos num olhar de desconfiança e medo. Os seus navios, portadores de uma fama nova, a fama de uma visionada terra de deslumbramentos, surgiam em toda a parte, por toda a parte espalhando especiarias caras, de toda a parte levantando riquezas grandes. Do seculo XII ao seculo XV a hegemonia dos mares pertenceu-lhe, o comercio do Levante foi todo seu. Mas os portuguezes saíam da «occidental praia lusitana» e, aportando à India, sem que o pensassem provocavam a perda da *Raiada das Lagoas* e o deslizar para o Poente de uma nova civilisação.

Veneza caiu. Merecê dos portuguezes, que lhe alcançaram o arrojo, disputando-lhe a abundancia; merecê dos seus politicos, que, entorpecidos por uma influencia má, não lhe pouparam sequer a força que lhe abrandaria a queda.

Mas apreciemos de Veneza um outro aspecto—o artistico.

E' juizo velho, que o rigor da observação confirma sempre, aquele que nos diz que a liberdade é tão precisa à arte como o calor no sangue que nos dá força e vida. Sem ela, a energia colectiva é nula, a inspiração rareia.

E o exemplo da Holanda é frisantissimo para que nos abandonemos nas oscilações da dúvida.

Pantano vivido por *negregado* povo, o valor que lhe atribuiam no seculo XVI era ainda pouco. Dominio da Espanha, esta pre-

tendeu furtar-lhe a ultima noção de liberdade. A moral dos dois povos seria a mesma, em absoluto vivendo uma crença que o receio apenas dos fenomenos físicos alimentava. Foi um erro. Não se observou o decisivo peso que na formação dos proprios caracteres religiosos representam os meios climaticos e geograficos. Não se observou. E como estes eram bem diversos, resultou d'ali a admiravel e decisiva luta, incitada pela eloquencia justa, romântica, de Marnix, contra a ideia de obsorção completa.

O asfixiante jugo de Castela quebrou-se e «as portas da Holanda, escreveu Ramalho, abriram-se a todo a actividade humana, abriram-se a todo o esforço intelectual». Estava assegurada pela energia colectiva, reveladora de um fenomeno íntimo, a independencia do povo holandez, que dela tirou a sua gloria, o seu bem estar, o seu prazer. Estabeleceu a liberdade de consciencia, de pensamento, de comercio, de industria, e levantou diques e abriu canaes, dissecou pantanos e saneou cidades, construindo pontes, fundando escolas e animando sociedades literarias e científicas, associações de operarios e irmãndades de artistas.

Desta actividade, tão prodigiosa e livremente desenvolvida, resultou a abundancia em todos os lares, a alegria em todos os rostos, a instrução em todos os homens.

Estava preparado o ambiente que receberia a Arte. Ela surgiaria, porque se podia empreender agora na mais ampla liberdade do pensamento, da intuição artística de cada um. E motivos, não havia tantos que a estimulassem? Os factos grandiosos e comunicativos da historia daquele pequeno paiz, o seu «meio», em-fim, não lhe dariam vida?

Giotto, que os companheiros surpreendiam no doce enlevo de traçar figuras, não teria sido o ingenuo iniciador da escola naturalista se o seu temperamento artístico educado não fosse. Era evidente que uma necessidade havia, a de educar os elementos que pelo seu modo de ser animico e intelectual melhor assimilassem as rigorosas exigencias da estetica, por ela passando todas as características de uma raça no apogeu. Foi o que se fez—e na Holanda nasceu a Arte.

Este facto, esta constancia de vontade, este ancelio de crear repetiu-se em Veneza, com diferentes resultados porque diferentes foram os tempos.

Ticiano, Tintoretto e Giorgione, Veroneso, Bellini e Sansovino, enfim, todo esse escólo de artistas quasi inexcedidos na emoção e pouco ultrapassados no engenho precisou, para que nas suas obras se congruassem o sorriso da cõr, a graciosidade da forma e a brutalidade da evidencia, de um vigor colectivo que os subordinava pela fé. E assim as suas telas são maravilhosas, e os seus monumentos são flagrantíssimos de mimo.

Resentem-se do misticismo da época? E que outra coisa querer, se ao artista cumpre exteriorizar a essencia espiritual do meio em que se agita? A influencia divina predominava, e o espírito re-colhia-a, manifestando-a a Arte. Era a documentação de uma fase íntima da Humanidade.

A catedral de Strasburgo, Nôtre Dame de Paris e S. Marcos de Veneza são capítulos dessa historia de revelações místicas, derivadas da crença no sobrenatural, e em que se traduz a necessidade de saborear o Belo. Da primeira disse Augusto Fuschini «que é um poema de pedra, um cantico da religião cristã»; a segunda sabe-se que inspirou um génio: Victor Hugo amou-a. Quanto a S. Marcos, a riqueza dos seus marmores, a preciosidade dos seus mosaicos, a imponencia do seu todo estabeleceram-lhe a fama de joia bizantina.

Ha nesta igreja, de facto, uma infiltração do espírito oriental. Os venezianos, navegando e dirigindo-se para aquele longínquo ponto, absorveram dele a sua feição artística, reproduzindo-a com singular capricho. Os ricos vestuarios gregos, turcos e arménianos são documentações dos seus artistas.

A estes se não pode acusar de que «a inspiração é sempre a mesma, estranha à natureza e às realidades da vida», porque Ticiano e outros, sabendo por vezes da submissão da fé, da fé dogmática, nos deram as alegorias palacianas e as mais lubricas relações d'amor.

E este refinamento do gosto não se evidenciou apenas na distribuição das tintas, no lançar dos traços ou no erguer das pedras. Os vidros de Veneza falam-nos também da forma subtil como ali era cuidado o Belo. Na ilha Murano se desenvolveu semelhante industria, a ninguém se permitindo descobrir o segredo da sua tecnicá. Mas então era a época em que Veneza estava na exuberancia da sua vida, toda arrogante, muito misteriosa.

Hoje, que é Veneza? Um museu apenas; um grande museu reservado à satisfação dos mais delicados caprichos espirituais, todo evocador e cantando a harmoniosa poesia da pedra. É uma página da história traçada pelo sentimento. O que nela existe do passado é a alma dos seus artistas, único sobrevivente da catástrofe que a atingiu. Morresse ela, e de Veneza não falaria hoje se não uma reminiscência leve, obscurecida num episódio da vida humana. É a Arte que lhe recolhe o nome e guarda a glória. E isto nos faz dizer que ditos os povos que a lembram sempre ao mundo tem essa elevada e sem dúvida mais nobre expressão da vida — a Arte.

J. PIEDADE JUNIOR

Questões Pedagógicas

O Congresso de educação física de Paris

Chegam-nos notícias desta importante assembleia científica. Não recebemos ainda as publicações do Congresso, em que a Academia de Estudos Livres esteve representada pelo sr. dr. Moraes Manchego.

Pelo que lemos, debateram-se no Congresso principalmente as questões relativas aos diversos métodos de ginástica. A França lutou pela sua causa, representada na já celebre escola de Joinville-le-Pont. A Suécia terceu armas pelo método de Ling universalmente adotado.

Quem vencerá? Que orientação vai tomar a pedagogia neste seu importante capítulo?

Aguardemos o que vai dizer nestas colunas o nosso amigo dr. Moraes Manchego.

Espectaculos para crianças

Ha pouco mais dum mez, de colaboração com o sr. Raul Lino, realizou o nosso amigo sr. dr. Afonso Lopes Vieira um interessante espectáculo de fantoches, que teve por assistentes uma encantadora assembléa de crianças. O facto passou desapercebido apesar da alta importância educativa que teve. O ilustre poeta representou, alem dum farça, a adaptação do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Segundo nos contou obteve um verdadeiro exito.

Havemos de experimentar o caso na Escola Marquez de Pombal.

E' preciso deslocar os portuguesíssimos fantoches dos tablados das feiras para os jardins das nossas escolas. Substituir os discursos, que empanam sempre o brilho nas nossas festas escolares, poderão dizer ás crianças cousas graciosas e profundas, que as alegrem e eduquem.

TRABALHOS ESCOLARES

Almeida Garrett e a sua obra

I

Nasceu no Porto, a 4 de Fevereiro de 1799, e morreu em Lisboa a 10 de Dezembro de 1854.

Espirito culto e alma sensibilissima, foi, senão o unico, um dos poucos que soube manejar com mais acerto e autoridade a lingua portuguesa.

Não ha nacional que não conheça, ao menos, por tradição, Camões, o sublime cantor das glórias patrias.

Mas que diferença entre Camões e Garrett!

O primeiro, cheio de vida e d'audacia, cantou os feitos lusitanos, com o ardor proprio da juventude, nesse admiravel poema intitulado «Lusiadas», verdadeiro monumento patrio que o estrangeiro inveja; o segundo, Garrett, procurou fazer vibrar a nota sensivel, caracteristica do Povo Portuguez — o sentimento.

Alcançou o seu intento?

Veja-se o que diz Camilo Castelo Branco:

«O que era o drama em Portugal antes de Almeida Garrett? Emxabido plagiato da musa hespanhola e italiana, desgraciosas versões do francés, coisa descaracterizada, desnaturalizada, sem que os malfadados arranjadores dramaticos pudessem ater-se a um molde de cunho. Gil Vicente era apenas um marco na literatura patria; desse ponto para os seus sucessores não havia transição logica nem natural.»

A resposta está escrita em letras de ouro na historia. Garrett não atingiu sómente o seu ideal, passou muito além de toda a expectativa. Basta saber-se que foi ele o creador da comedia e do drama em Portugal.

Entre a sua obra, que é imensa, destaca-se uma, verdadeira obra prima: «Frei Luiz de Sousa».

Para escrever essas paginas, belas em todo o sentido, e fazer reviver essas imagens cobertas pelo pó dos tempos, quanta arte, quanto sentimento não é preciso!!

Como nos sentimos pequenos ao pé desse genio que contudo foi um simples mortal.

Quanto não sofreu esse coração para possuir tão pura sensibilidade.

Porque é preciso notar; o verdadeiro poeta só ganha esse dom quando sofre, quando sente realmente o que escreve. Não basta fazer versos e dizer *sou poeta*, é preciso, primeiramente, que os outros o digam e conheçam; é necessario sofrer muito e muito para dar vida e apresentar como verdadeiros esses seres criados, as mais das vezes, pela fantasia, e fazer pulsar o coração desse publico, a mór parte ignorante, que lè ou vê representar tæs obras, legitimos mimos d'arte.

S. LLOYD

Almonda nata de portugues

(Conclue no proximo numero)

ANAIS

DA

Academia de Estudos Livres

I	<i>Ensino inicial de leitura</i> , por J. Augusto Coelho	200	réis
II	<i>O marisqueiro português através da história</i> , por V. Almeida d'Eça	200	"
III	<i>Da unidade do pensamento no ciclo das descobertas</i> , por Henrique Lopes de Mendonça	200	"
IV	<i>Uma excursão à serra da Arribada (esgotado)</i>	100	"
V	<i>O Castelo de Palmela</i> (esgotado)	400	"
VI	<i>Excursão no Tejo até ao Canal de Azambuja</i> (2.ª edição)	100	"
VII	<i>Excursão à Fábrica de Cimento de Portland Artificial «Teja»</i> , em Alhandra	50	"
VIII	<i>Uma excursão a Santarém — Atrevez da cidadela — Lendas</i> , por João Arruda	200	"
IX	<i>Tri-centenário da publicação de D. Quichote</i> , por Theóphilo Braga	200	"
X	<i>No Bussaco (história, paisagem, descrições)</i> , por Cardoso Gonçalves	200	"
XI	<i>O Arquivo da Torre do Tombo</i> , contendo 219 páginas, ilustrado com fotografuras dos principais codicis iluminados	800	"
XII	<i>Spinoza — Conferência</i> , por Theóphilo Braga	200	"
XIII	<i>O convento de Mafra</i> , por Cardoso Gonçalves	100	"
XIV	<i>O padre Joaquim Silvestre Serrão e a missão secreta portuguesa</i> , por Theóphilo Braga	200	"

A MOCIDADE

FOLHA QUINZENAL

Publicadas 2 séries (quasi esgotadas)

Cada série de 10 números	500	réis
Número avulso	50	"

Quaisquer obras publicadas por esta sociedade são enviadas frete grátis a quem remeter a sua importância para a Academia de Estudos Livres — Rua da Paz, 7 (a S. Bento).

Excursões a realizar em 1913

- 1º — A **Braga e a Vianna do Castello**, na primavera. Em Braga realizar-se-ia, no Parque do Bom Jesus, uma festa escolar em honra dos excursionistas, na qual tomarão parte crianças das escolas daquela cidade e das aulas diurnas da *Academia de Estudos Livres*.
 - 2º — A **Paris**, em setembro, segundo o plano da que a *Academia de Estudos Livres* com tão brilhante sucesso realizou em 1910.
-
- A Direção está preparando o plano detalhado destas excursões, para ser distribuído pelos sócios e subscriptores.

A Direção, unindo aos desejos de haver muito manifestados pelos sócios e subscriptores, criou um *Fundo de excursões e viagens*, para o qual todos poderão concorrer e que lhes permitirá satisfazerem gradualmente, em prestações maiores ou menores, o custo dos bilhetes das excursões em que queiram tomar parte.